



SENTIMENTOS VIVENCIADOS PELA ENFERMAGEM NO PROCESSO DE MORTE E MORRER DO PACIENTE PEDIÁTRICO

*Kamylla Sejane Pouso Freitas¹
Ângela Karina da Costa Silva¹
Claudinei Gonçalves da Silva Matos¹
Elisângelo Aparecido Costa²
Marília Cordeiro de Sousa³*

RESUMO: A morte é um evento frequente, considerado complexo por aqueles que estão envolvidos na assistência direta, principalmente quando acontece na infância. Assim, o sentimento de impotência diante da morte provoca sofrimento no enfermeiro durante o enfrentamento de tal situação. Com objetivo de discorrer o significado que a morte pediátrica adquire no cotidiano de trabalho do enfermeiro, o presente estudo adotou-se a revisão integrativa da literatura. A busca ocorreu nas bases Biblioteca Virtual em saúde (BVS) e na biblioteca Scielo. Foram utilizados 28 artigos partir dos critérios de inclusão, disponível na íntegra, português, entre os anos de 2005 e 2017 com maior prevalência em 2009. Lidar com a morte na infância é uma situação árdua, uma vez que a formação do enfermeiro é voltada para salvar vidas e não para as questões que envolvem a finitude humana, principalmente na infância. Vivenciar situação de morte na infância é uma tarefa difícil, para a qual o enfermeiro necessita estar preparado. Conclui-se que ainda há uma carência na formação do profissional de saúde, com disciplinas que abordem a morte, o luto e o processo de morrer, a morte no sentido de sua inexorabilidade não como uma inimiga a vencer, mas como uma etapa da vida que necessita ser cuidada.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Tanatologia. Criança. Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

Desde cedo, aprendemos que nascer, crescer, reproduzir-se ou não, envelhecer e morrer são etapas do ciclo vital de qualquer ser vivo. Porém, ao falar a respeito desse processo, a morte acaba sendo ignorada como parte do ciclo, negando-a em face da angústia, sofrimento, perda e luto que a mesma pode produzir. Quando a morte se aproxima, seja passando por ela ou por alguém

¹ Acadêmicas do curso de Enfermagem da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mails: angelakarinaw@gmail.com; claudineigsmatos@gmail.com; kamyllaeusou@hotmail.com.

² Professor Mestre da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail: elisangelo@hotmail.com

³ Orientadora e Professora Mestre da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail: maacsousa@hotmail.com

próximo, inicia-se o rompimento de alguns vínculos com a vida, com a história, e com as relações familiares e sociais que estão ficando para trás (MARINHO, 2007).

Assim, a morte de crianças e jovens é compreendida pela sociedade como o cessar de vidas que poderiam ser promissoras, interrompendo o ciclo vital natural. Criança é a tradução de expectativas positivas e prazerosas, elas representam corporificação da vida, denotando necessidade de manter a vida intacta e protegida (ZORZO, 2004).

A morte, mesmo que faça parte do cotidiano do enfermeiro, desperta grande temor como ser humano, e esse sentimento se expressa na dificuldade de lidar com a finitude. Fazendo-se assim o enfermeiro se sentir impotente diante da perda de um paciente pediátrico. O reflexo desses sentimentos não traduz somente no fracasso dos cuidados, mas também como derrota diante da morte e da busca incessante dos profissionais de saúde em salvar um indivíduo, minimizando seu sofrimento e sua dor trazendo-o a vida (POLES; BOUSSO, 2006). Portanto, o presente estudo objetiva de discorrer o significado que a morte pediátrica adquire no cotidiano de trabalho do enfermeiro.

2 METODOLOGIA

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, para a realização deste trabalho adota-se a revisão integrativa da literatura, que consiste objetiva reunir e resumir o conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado através da busca, avaliação e síntese das evidências disponíveis, qualificando assim a assistência prestada através da implementação de práticas embasadas (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

A questão norteadora deste trabalho: Discorrer o significado que a morte pediátrica adquire no cotidiano de trabalho do enfermeiro. Após a identificação do problema de pesquisa, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: disponíveis *online*, estudos do tipo ensaio clínico randomizado controlado ou não, observacional ou qualitativo, revisão integrativa ou sistemática, realizados entre 2006 e 2017, publicados na língua portuguesa, que tratem sobre o significado que a morte pediátrica adquire no cotidiano de trabalho do enfermeiro. A busca foi feita nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na biblioteca *SciELO*. Para

a realização da busca foram usados os descritores (Decs): Morte, tanatologia, criança, enfermagem. Após a aplicação dos critérios de inclusão acima descritos foram selecionados 40 artigos.

A partir das referências obtidas, procedeu-se a leitura do título e resumo, com posterior seleção do material (extraído dos estudos selecionados o problema de pesquisa). A leitura das obras selecionadas possibilitou organizar as ideias por ordem de importância e a sintetização destas, visando extrair o significado que a morte pediátrica adquire no cotidiano de trabalho do enfermeiro. Após leitura sistemática e interpretativa, selecionou-se para os resultados e discussão somente

28 artigos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos doze anos ao se buscar as Bases de Dados Virtuais em Saúde, tais como Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando-se as palavras-chave: morte, tanatologia, criança, enfermagem. O ano de 2009 obteve o maior número de publicações com 5 (17,85%) artigos, seguido de 2006 com 4 (14,28%) publicações, 2011 com 3 (10,71%) e com 2 (42,85%) publicações cada os anos de 2005, 2007, 2010, 2012, 2013, 2015 e 2008, 2014, 2016, 2017 com apenas 1 (14,29%) cada. Não houve predomínio em relação a revista de publicação. Em relação à metodologia, 2 (18,18%) foram quantitativo, 2 (18,18%) foram retrospectivo/transversal e *link age*, os demais distribuíram-se entre: coorte, descritivo, longitudinal e caso controle. Após a leitura exploratória dos mesmos, foi possível identificar a visão de diversos autores a respeito, do significado que a morte pediátrica adquire no cotidiano de trabalho do enfermeiro.

Embora na aparência do fenômeno o significado de morte esteja relacionado a um processo natural, ao analisar sua essência, nota-se que a morte só é natural desde que ocorra, com pessoas idosas e não jovens e com quem não se tenha nem um vínculo afetivo (UGA, 2005). Quando isso não acontece, a finitude do ser humano como processo natural é substituída por perda (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

Assim, percebe-se que a prestação de cuidados dispensados durante o processo da morte, para ocorrer efetivamente, requer do enfermeiro não só

conhecimentos científicos, mas é preciso um olhar para as necessidades não mencionadas, perceber o imperceptível, compreender o que se oculta atrás das palavras, entender o processo da morte e do morrer para que se torne capaz de auxiliar os pacientes na sua finitude, pois o conhecimento insuficiente destes aspectos poderá levar a um distanciamento do paciente/familiar como forma de proteção por não saber enfrentar tal situação. É isso e uma falha na prestação do cuidado integral tão almejado pela Enfermagem (VARGAS, 2010).

4 CONCLUSÕES

Conclui-se que a morte, mesmo que faça parte do cotidiano do enfermeiro, desperta grande temor como ser humano, e esse sentimento se expressa na dificuldade de lidar com a finitude. Fazendo-se assim o enfermeiro se sentir impotente diante da perda de um paciente pediátrico, pois ainda há uma carência na formação do profissional de saúde, com disciplinas que abordem a morte, o luto e o processo de morrer, a morte no sentido de sua inexorabilidade não como uma inimiga a vencer, mas como uma etapa da vida que necessita ser cuidada, com conceitos mais humanísticos e menos conceituais e materialista. O processo de morte e morrer ainda intriga todo o ser humano, pois é considerado um desafio para muitos.

REFERÊNCIAS

COMBINATO, Denise; QUEIROZ, Marcos. Morte: uma visão psicossocial. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 11, p. 209-16, 2006.

MARINHO, João. A última fronteira: como os profissionais de enfermagem lidam com a morte de seus pacientes. **Revista Coren-Sp**, São Paulo, v. 59, p. 09-13, 2007.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem: Revisão Integrativa. **Texto e Contexto Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008.

POLES, K.; BOUSSO, R. Compartilhando o processo de morte com a família: a experiência da enfermeira na UTI pediátrica. **Revista Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v. 14, p. 07-13, 2006.

UGA, Daniela Alessandra. **Psicologia aplicada**. 1. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2005.

VARGAS, Divane. Morte e o morrer: Sentimentos e condutas de estudantes de enfermagem. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 23, p. 404-10, 2010.

ZORZO, J. C. C. **O processo de morte e morrer da criança e do adolescente: vivências dos profissionais de enfermagem**. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde)-Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, São Paulo, 2004.